

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros . . . 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

14 de julho de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Antonio Pinheiro

O meu distinctissimo collega nasceu na pacata cidade de Tavira, a que mais embeleza a encantadora provincia, reino de outras eras; é, por consequencia, um *algarvio dos quatro costados*, comquanto o não pareça, visto que não é d'aquelles que mais dão á *taramella*. Calado como um rato . . . fino como um coral!

Conheci-o ainda quando elle frequentava o lyceu, alternadamente com o conservatorio dramatico, onde alcançou, tanto alli como aqui, optimas classificações. Pinheiro é ainda um dos actores da nova camada que sabem ler e escrever correctamente, que traduz com perfeição quatro linguas e que *somma e segue* sem contar pelos dedos.

Desde muito novo que comecei a apreciar-o em todas as suas minucias, e admirava-me de como um rapaz tão novo sabia dar conselhos que tão bem assentam em quem os sabe aproveitar. «Elle bem me entende».

Desnecessario seria dizer-lhes que não tenho a competencia precisa para pôr em relevo os seus meritos, mesmo porque, *má-lingua* como sou, lucto com grandes difficuldades para falar de Pinheiro, de quem se não póde dizer se não bem; d'ahi a minha grande atrapalhação no elogio ao collega.

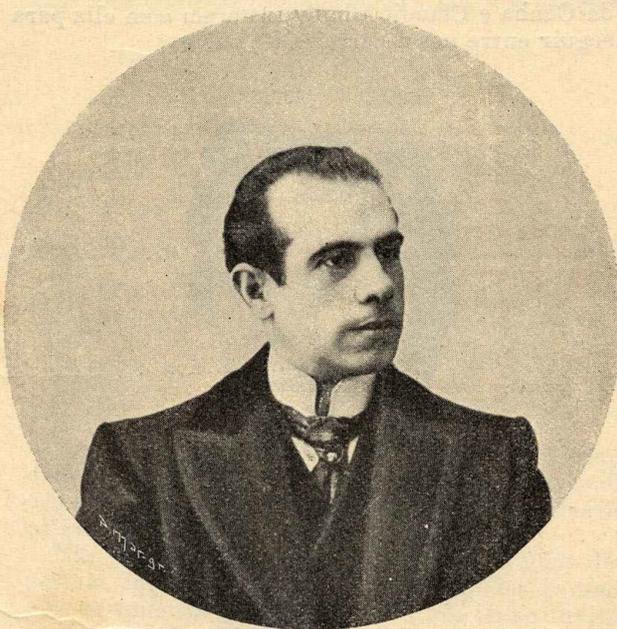
Pinheiro é um triste *cá fóra*; não por pose, porque não tem d'isso, mas por um amor proprio ao estudo, que não abandona, embora a sua categoria em theatro lhe dê direito já a descansar de tanta semsaboria e *trabalhos forçados*, além-mar, nas terras do Brasil, de cujo interior conhece, como director de *manbenbes*(1), uma grande parte

(1) *Manbenbes* chamam-se as companhias que do Rio de Janeiro vão para o interior, compostas de artistas de todas as categorias, em geral maus.

de terras aridas e infectas, onde luctou para angariar os meios de vida, que tanto custam.

Pinheiro, no seu regresso do Brasil, contou-me coisas verdadeiramente exóticas, entre ellas esta que passo a dizer resumidamente:

Chegára a uma das entranhas do Brasil, aonde havia muitos annos não ia uma *troupe* digna de ser ouvida. Uma vez alli, lembrou-se de fazer o reclamo da sua serie de espectaculos, e, sobretudo, annunciar o debute de modo a ser concorrido o espe-



ACTOR ANTONIO PINHEIRO

ctaculo, afim de, com o producto da estreira, satisfazer as despesas de momento, para as quaes não tinha nem um *curto vintem*.

Dirigiu-se a varios negociantes da terriola, pedindo o seu valioso prestimo para os espectaculos, e todos elles, mais ou menos, lhe torciam o nariz, lamentando-o com phrases ternas: — «*Seu moço, não vem bem, não senhor; istá tudo démodado, não ha gentes para theatro.*»

A seguir entrava em outro estabelecimento e ouvia outras desculpas que bem o consternavam; mas não desanimou, pro-

seguindo no seu intuito com alma de verdadeiro portuguez.

Havia na tal terriola uma festa de igreja *com todos os matadores*, sermão, missa cantada, *Te-deum*, procissão á volta da terra, etc., etc.

Oh! idéa luminosa! — exclamou o Pinheiro, batendo na ampla testa. — E' agora!

Reune a companhia, fal-os vestir opa e acompanhar cerimoniosamente aquelle acto religioso.

Claro está que todos os habitantes da localidade quizeram conhecer os devotos *irmãos* que com tanta distincção acompanhavam o prestito festival.

— São padres! diziam uns.

— Sem corôa? accrescentavam outros.

Até que, finalmente, tiveram conhecimento de que eram artistas da companhia dramatica sob a direcção do provector actor Antonio Pinheiro, que, pela primeira vez, representava n'aquella noite o celebre *Paralytico*, drama de grande sensação, nunca representado n'aquellas paragens.

A casa encheu-se totalmente. Pinheiro teve uma prolongada ovação ao seu trabalho, havendo no fim chamadas especiaes a toda a companhia e á orchestra, que era assim composta:

O prior da igreja tocava piano; o sacristão, rebecca; o administrador do concelho, flauta; e o boticario, rabeção. Creio que não ha memoria de tão grande desafinação

n'uma orchestra de theatro, sobretudo o boticario, que tocava de cór!

A sorte, então, parecia querer proteger a *troupe* e os espectaculos succediam-se com bellas enchentes.

Mas — ó fatalidade! — surge com intensidade a febre amarella e toca a terminar a serie. Pegaram em armas e bagagens e levantaram ferro antes que a parca fizesse alguma das suas.

As cartas de Portugal para o Brasil, de seus paes, a pedirem-lhe que volvesse aos patrios lares, eram sem conto, até que um dia, inesperadamente, o pae Pinheiro rece-

bia do Lazareto um telegramma de um laconismo absoluto: «*Cheguei bom. — Antonio.*»

Foi um dia de festa para seus paes e uma grande alegria para os seus intimos, em cujo numero eu era então da cabeça do rol; hoje não digo o mesmo, porque, por negligencia minha ou rapto dos outros, descí alguns furos da sua amizade.

Estava o Pinheiro em Lisboa e a sua casa era uma romaria. Que quantidade de amigos se juntaram na calçada do Garcia, n.º 22, 2.º andar!!

Todos o felicitavam pelo feliz regresso e se felicitavam por ter de novo junto de si tão bella alma, tão leal amigo.

— Agora, é certo, — contavam todos — ficas por cá. Para que theatro vaes? Já tens escriptura? Quando debutas?

A todas estas perguntas respondia o Antonio Pinheiro, estendendo os beiços e recolhendo os hombros.

Pois o correcto artista, o glorioso discipulo do conservatorio, não teve empreza que lhe abrisse as portas do theatro, a que tinha direito, vendo-se de novo obrigado a voltar para esses *brazis*, onde tantas vezes o desanimo comeu com elle á meza.

Mais alguns mezes luctando pela vida, por lá andou, até que a Providencia se lembrou do triste fadario do artista, reintegrando-o na empreza Rosas & Brazão, d'onde tinha sahido a seu pedido.

Antonio Pinheiro, o Pinheirinho, como os amigos lhe chamam, é hoje, da nova geração, o artista que mais tem produzido e firmado os seus creditos. Continúa a estudar com afinco, pesquisando novos processos de encenação e a ser o actor querido do publico em geral e dos seus camaradas em particular.

Muito tinha que dizer-lhes, se não tivesse já aproveitado n'um *livreco* que breve se publica, as varias peripecias succedidas com elle e outros, em *tournées* por Portugal e Brasil, até mesmo da ultima que fizemos a Villa Franca de Xira em 1893...

De tanto estudar, o meu collega está já um vergonhoso careca, ao passo que eu, mandrião como sempre, possui uma cabelleira tão cerrada, que bem pode, modestia á parte, rivalisar com a do *Oleo de Merode*. Ora adeus; as horas que devia levar a estudar papeis, aproveito-as a pentear-me; tambem, n'alguma coisa ha de uma pessoa empregar o tempo.

ALVARO CABRAL.

Theatro Avenida

A reabertura d'este theatro, annunciada com a *reprise* d'**A Boneca** e a reaparição da intelligente e estimada actriz Palmyra Bastos, chamou grande concorrencia a esta casa de espectaculos, onde se reuniu um publico escolhido para mais uma vez prestar as devidas homenagens a quem, como Palmyra, se tem sabido impôr pelo seu talento e pelo seu aturado trabalho, a ponto de conquistar um dos mais elevados logares na scena portugueza.

Posto isto, será superfluo dizer que Palmyra fez mais uma vez muito bem aquella creaturinha a um tempo ingenua e ousada, a boneca graciosa e *mignonne* que, mesmo com a sua impassibilidade e frieza de machina falante, faz dar volta ao miolo do pudico noviço. Alfredo de Carvalho, o artista

tão popular e tão querido, fez, com a sua proverbial *verve*, o papel do inventor das bonecas, arrancando do publico constantes gargalhadas.

Antonio Sá, Roldão e Humberto do Amaral contribuíram para o bom desempenho d'**A Boneca**, assim como Augusta Guerreiro, que fez o que pode. Sem querermos entrar em confrontos, diremos apenas que nos lembrámos muito e com saudade de Jesuina Marques.

Os córos muito afinados, encenação boa, e guarda roupa e scenario muito proprios.

H. T.

↳ Galeria Antiga ↳

Manoela Rey

*Fiel, sublime. interprete
Da arte a que deu preito
Chega em breve ao fastigio
De modelo perfeito.*

ERNESTO MARECOS.

Por convite, dizer do eminente vulto dramatico o que de justiça immaculada cabe á que encerrou a breve existencia de 23 annos incompletos (1), no dia luctuoso nacional de 26 de fevereiro de 1866, é onerosissima missão e de mais grave responsabilidade, por não dispormos de espaço para biographia, mas apenas de mui rapidas linhas, em que synthetisemos o muitissimo que devêra escrever-se de tão genial artista, cujo peregrino e avassalante talento e alto saber dramatico os poderes publicos reconheceram e homologaram em decreto, confirmativo do consenso unanime, publicado na folha official alguns dias depois do enterro da sublime actriz e nunca assaz chorada martyr.

A glorificação posthuma classificava Manoela DE TALENTO TRANSCENDENTE.

Em principios de 1857 estreiou-se no theatro do Salitre, no *Filho do Cego*, a hespanholita que, breve feita portugueza, havia de assombrar o publico de todas as classes com o prestigio do genio.

José Maria Grande, D. José de Lacerda, Carlos da Cunha e Claudio Chaby instaram com ella para seguir entre nós a carreira do palco.



Manoela Rey

Transcorridos uns mezes, na presença dos membros do conselho dramatico, declamando ella em castelhano e lendo em portuguez, Antonio Feliciano de Castilho exhortou-a a porfiar na cultura da arte. Duarte de Sá, conspicuo vogal do esclarecido conselho, tem o glorioso commettimento de nortear a neophyta na aprendizagem da arte dramatica e da nossa lingua.

Nunca o eximio mestre, nas nossas dilatadas conversações, recordava a subida honra, sem que dos vivos e scintillantes olhos lhe rebentasse uma lagrima de pungitiva saudade por aquella insigne discipula, que devendo, é certo, quasi tudo ao engenho natural, ainda lhe restava uma valiosa di-

(1) Antes de Manoela Rey, os dois funeraes tão concorridos e regados de lagrimas tinham sido o do extraordinario monarcha D. Pedro V, e o do maior orador parlamentar, José Estevão.

vida, que ella solveu amplamente, ao maior professor de arte de representar e de declamação que, sem desprimorosa injustiça para os outros, tem havido em Portugal.

Não logrou Manoela a estreia no *Frei Luiz de Sousa*, porque a febre amarella derrubou o primeiro actor daquela epoca, — Epiphanio Gonçalves! Exhibiu as suas arduas provas a joven comediante — 14 annos — na *Alegria traz susto*, com Talassi, Emilia Adelaide, Rosa (pae), Tasso e Correia.

Não assistimos pessoalmente ás entusiasticas ovações, puras de *claque* envenenadora, colhidas no espinhosissimo exame.

Contavamos nós 16 annos e estavamos em Mafra, no Real Collegio Militar. Não registamos, pois, o grandioso facto da historia do theatro nacional, por o havermos presenciado, mas o echo retumbante da estrepitosa victoria vibrou pelos longos e melancolicos claustros da immensissima móle de D. João V.

A loura, formosa e divinal artistazinha ia trabalhar ao lado de Rosa, Theodorico, Tasso, Emilia das Neves e Soller.

Aos vinte annos era a immortal artista uma admiravel mulher, elegante, alta, de cabeça finamente contornada, irradiando luz intellectual, que o pae Rosa, eximio actor e um escultor de merecimento, adorava. Dos olhos, de côr dubia, entre verde e azul, chispa-lhe a meiguice dominadora, e enleivava-nos quer na scena, quer na vida social, e o cabelo ostenta o colorido especial, fulgurante, do louro acastanhado, que se não parecia com o de nenhuma outra mulher, é basto, frisando naturalmente, tão sedoso, tão sedoso, que exercia em todos incontestavel fascinação, cabelo que ella soltou, espargindo-o pelos hombros, quando, no derradeiro beneficio, com o *Cura de almas*, de Cordeiro, recita, vibrando de etherea inspiração e tocada da videncia da proxima morte, os sentimentaes versos de Eduardo Vidal, canto impregnado de infinda tristeza, resumo lindissimo da fugidiza e attribulada vida de Manoela, e que principiam assim :

*O lyrio desponta e cresce
A' luz da manhã que assoma,
Tudo é viço e tudo aroma
Naquella graciosa flor ;
.....
Assim fui eu :*

Os annos de 1864 e 1865 assignalam triumphos inigualaveis ! Consummara-se a suprema harmonia de todos os factores estheticos !

Tocára o grande genio a meta da suprema grandeza. Estava em plenissima maturação.

Pinheiro Chagas traduzira *Messieurs de Bois Doré*. Como ella representava o 4.º acto ! E o *Fogo no Convento*? E a *Vida de um rapaz pobre*? E os *Nobres e Plebeus*? Nesta peça gravou ella um traço de verdade tragica, porque as sombras da morte já se apropinquavam, terriveis, fataes !

Quando adormecia ao som musical da lenda, quando a meio da sala gothica estadeava pallida e immovel, o espectador sentia a commoção de Jorge ao abeirar-se de Branca ! O dormitar della era o avizinhar-se do somno eterno do passamento.

E este veiu a breve trecho !...

Em 4 janeiro 1866 é o ultimo beneficio !!...

Em 25 a enfermidade recrudescce.

Em 5 fevereiro ainda tenta um lancinante passeio no jardim da Estrella. Ao regressar a casa, na calçada dos Paulistas, suffoca-a o sangue, rebentando-lhe em borbotões pela bôca !

A' tísica aguda juntara-se a pneumonia; no dia 26 soltava o ultimo arranco a mais perfeita sacerdotiza da arte de todas, que tem pisado a nossa scena...

E de joelhos volvo a esses annos com a intensa recordação da incomparavel actriz e a soluçante piedade pela mulher que tanto padeceu...

ALFREDO OSCAR MAX.

Conservatorio Real de Lisboa

Provas finaes

Perante um jury, assistido pelo inspector do Conservatorio, o laureado auctor dramatico sr. Eduardo Schwalback, e composto dos srs. D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo, conde de

Mesquita, actor Augusto de Mello e ensaiador José Antonio Moniz, dois mestres da arte de representar, e perante uma assistencia de muitas senhoras distinctas, de litteratos, jornalistas e actores graduados, cinco talentosos alumnos do curso de arte dramatica exhibiram as suas provas finaes, que foram brillantissimas.

Eram elles D. Etelvina Serra, D. Jesuina de Assis e os srs. Simões Coelho, Araujo Pereira e Alegrim.

Todos estes novos artistas manifestaram não vulgares aptidões, applicação ao estudo e bom ensino.

A intelligentissima e gentil alumna Etelvina Serra leu com intensa expressão uns versos adoráveis do grande poeta brasileiro Olavo Billac e recitou finamente as *Boas noites*, do immortal João de Deus.

O selecto auditorio mostrou-se deliciado e applaudiu calorosamente a esperançosa actriz.

Em seguida faz-se ouvir encantadoramente a alumna Jesuina de Assis, que lê um trecho de prosa e diz uns graciosos versos do saudoso Fernando Caldeira.

Muito festejada pela suavidade da voz e pela nitida dicção.

Sucedem-se: Simões Coelho, que lê umas paginas empolgantes do livro de Raul Brandão — *A Farça*, e recita com alma um monologo da *Leonor Telles*, do sr. Marcellino Mesquita; Araujo Pereira, que lê com intenção versos alegres de Tolentino e recita como artista *A pelle do urso*, fragmento de um trabalho do sr. D. João da Camara *O dorminhoco*.

O exame dos cinco alumnos terminou pela afinada representação do segundo acto d'*O Tartufo*.

E' uma *soubrette* perfeita e interessantissima a novel actriz Etelvina Serra. Os outros interpretes tambem deram realce aos seus papeis, destacando-se Araujo Pereira.

Parabens a todos — ao zeloso inspector do Conservatorio, aos illustres mestres da arte dramatica e aos alumnos que tanto se distinguiram!

Felicitemos tambem o theatro portuguez por tão risonhas e promettedoras esperanças que despontam no horizonte, ainda ha pouco bem entenebrecido.

Após estas provas ainda se fizeram ouvir outros alumnos, que mostraram decidida vocação.



O assumpto jocoso da semana tem sido o *rapto* de uma conhecida actriz, que actualmente fazia parte da companhia de um dos theatros da feira de Alcantara.

As condições em que o facto se deu, as peripecias que d'elle resultaram, e o caso pyramidalmente extraordinario da raptada ser *maior de quarenta annos!* tem-se prestado a commentarios engraçadissimos. Vamos entregar o caso ao nosso collaborador humoristico, que de certo no proximo numero d'elle se occupará.

*
*
*

Passa na proxima terça feira, 19, o anniversario natalicio do conhecido frequentador do theatro da Trindade, sr. Antonio Coutinho Barbosa. Felicitemol-o.

Amadores dramaticos

Figura hoje, na nossa galeria de amadores dramaticos, o retrato do sr. José Reis, um amator consciencioso e intelligente, que unicamente com o seu estudo e boa vontade, se tem sabido impôr e fazer admirar por todos aquelles que o teem ouvido na interpretação das mais complexas personagens, a que elle imprime sempre uma feição artistica muito especial, muito sua, mas sempre propria e natural.

Embora novo, o sr. José Reis é um antigo amator dramatico. Estreiou-se ha annos n'um pequeno papel da comedia de Baptista Machado, *A Experiencia*, representada pelo grupo Almeida Gar-

rett, e ahí se lhe descobriram qualidades e predicados taes para a scena, que ficou logo considerado como um elemento de valia para os paleos particulares.

Durante alguns annos fez parte do grupo dramatico do Club Recreativo, e alli o ouvimos algumas vezes desempenhando como um bom actor os diferentes papeis que lhe eram distribuidos nas variadas peças do repertorio d'aquelle grupo.

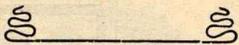
A ultima vez que tivemos occasião de o ouvir, foi em um sarau no Club Recreativo, onde o sr.



José Reis

José Reis fez, com requintada graça e verdadeira veia comica, a conhecida cançoneta *Pouca Sorte*. Com uma bella caracterisação, uma curiosa *toilette*, e dizendo o verso, sublinhando-o com um joga physiologico de primeira ordem, o sr. Reis pareceu-nos mais um actor de reconhecida envergadura artistica do que um simples amator.

Actualmente está organisando um grupo dramatico familiar, que terá a sua séde n'um elegante theatrinho nas Terras de Sant'Anna, onde o sr. José Reis conta dar uma serie de recitas, para o que está trabalhando com toda a sua boa vontade.



Os assassinos do Theatro

Cartas a um amigo

I

Meu caro Hogan Teves.

Agora que as casas de espectaculos de Lisboa estão quasi todas fechadas, de certo que tens mais espaço no teu semanario para aturar os carolas de coisas de theatro.

Não interessam tanto estes assumptos como deveriam interessar, por muitas e variadas causas, que eu conheço muito bem e que não tenho duvida em expôr, dôa a quem doer.

Isto já não vae sem pôr as coisas a claro, e entre mortos e feridos muita gente ha de escapar.

Pediste-me em tempo para eu escrever coisas no *Grande Elias* com respeito a theatro, que é a minha maior paixão, ou antes, mania, que já me tem custado não pequenos dissabores, e que continuará a custar, porque, porque, a quem se roça pelos bastidores, succede-lhe exactamente o mesmo que aos que se deitam com creanças.

Disse que tu me pediste, não por me dar ares de homem de importancia a quem se pedem escriptos, mas porque sempre é bom frisar que trato do assumpto de cumplicidade contigo para a condemnação, que ha de ser de arromba (conheço muito bem o jury), recahir sobre os dois. Assim sempre eu fico mais alliviado.

Chama-se a isto, em estylo tauromachico, *fugir ao castigo*, e posso dizer a phrase sem receio, porque não estou em risco de segundo sentido.

Pelas tuas criticas tenho visto que o theatro portuguez, tal como está, não te causa um entusiasmo por ahí além. O mesmo me succede e se fossemos só nós dois a queixarmo-nos, as empresas

pouco teriam a perder; mas o diabo é que o publico está perfectamente de accordo conosco.

E tem quasi sempre razão o publico, embora nos custe dizel-o aos srs. empregarios, aos srs. actores ou auctores; mas havemos de dizer-lhe ainda mais coisas e portanto é bom acostumarem-se a ouvirem.

Não se julgue, porém, que o publico não tenha tambem censuras a cobrar. Todos teem o seu quinhão de tolice n'esta maré d'aguas sujas, em que se afoga o nosso theatro.

Não pretendemos inventar o aparelho de salvação mas queremos, ao menos, prevenil-o da proxima asphyxia.

Depois d'este *lindissimo* exordio, puxemos do lenço e limpemos o suor fino dos receiosos momentos, descancemos para crear animo e como isto vae em doses minimas, para não fatigar o doente, para a semana direi algo da *importancia* de alguns senhores actores, sem importancia alguma, para depois tratar dos empregarios, dos ensaiadores, dos criticos, dos auctores e do publico.

Procurarei provar que muitos dos que deviam proteger o theatro portuguez, mesmo por interesse proprio, são, consciente ou inconscientemente, os seus assassinos.

Teu velho amigo

ANTONIO NOGUEIRA.



MOVIMENTO THEATRAL

O sr. Salvador Marques concluiu já a traducção da peça de Brieux, *L'evasion*, que será representada na proxima época.

** Consta-nos que n'um dos primeiros theatros será representada na proxima época uma peça em um acto e em verso, do poeta sr. José de Faria Machado, e que tem por titulo **O minuetto da rainha**.

** O actor Antonio Sacramento foi escripturado para o theatro do Gymnasio.

Foi uma boa acquisição.

** A companhia organisada para uma *tournee* ás provincias e de que fazem parte Adelina Abranches e Cardoso, representará, entre outras peças, **As alegrias do lar**, **Rosa engeitada** e **Uma anedocta**, respectivamente dos escriptores srs. Moura Cabral, D. João da Camara e Marcellino Mesquita.

** Na cidade da Guarda é esperada a companhia de operetta dirigida pelo actor Oliveira e de que fazem parte as actrizes Elvira Mendes e Elisa Aragonez, que representará **O homem da bomba**, **Retalhos** e **O segredo da morgada**.

** Pedem-nos o sr. Alfredo Mantua, regente da Tuna da Escola Polytechnica, para declararmos ser falso o, tanto elle como seu irmão Bento Mantua, terem tomado parte nos espectaculos que se realisaram na noite de 7 do corrente no theatro Chalet, da feira de Alcantara, conforme vinha nos cartazes, assim como não auctorisaram pessoa alguma a servir-se dos seus nomes.

Oxalá que tal abuso não se repita.

** Por motivos de força maior não se effectuou no ultimo domingo a *matinée* promovida pela actriz Delphina Victor e actor Raphael Salvaterra, que se devia realisar no Club Simões Carneiro com o concurso de elementos artisticos de valor.

** Conforme haviamos dito, realisou-se no sabbado ultimo no theatro Chalet, da feira de Alcantara, o beneficio da graciosa e gentil actriz Amelia Silva e do estudioso actor Ferreira de Almeida.

O spectaculo constou do primeiro e terceiro acto da revista **Os timbales do diabo**, e de mais um acto em que tomaram parte os principaes artistas do theatro e alguns amadores, recitando monologos e cançonetas.

O theatro estava completamente cheio, sendo numerosos e repetidos os applausos dispensados aos beneficiados, a quem foram offerecidos muitos brindes.

** O popular escriptor, sr. Baptista Diniz concluiu já a nova revista com que será inaugurado o theatro que sob a sua direcção vae funcionar na feira do Campo Pequeno.

** Esteve muito animado e concorrido o spectaculo que a empresa do theatro Chalet, da feira de Alcantara, offereceu, na quinta feira ultima, á imprensa da capital.

O theatro achava-se ornamentado com grande profusão de todos os jornaes que se publicam em Lisboa, produzindo bom effeito. O espectáculo consistiu do primeiro acto da applaudida revista de Penha Coutinho, **Os timbales do diabo**, e de mais dois actos que differentes amadores e os principaes artistas d'aquelle theatro preencheram com monologos e cançonetas.

As actrices Julia Anjos, Amelia Silva e Anna Fortes foram muito applaudidas nas cançonetas que cantaram, assim como os actores Joaquim Vaz, Julio Guimarães e o amador Abilio Guimarães que nos deliciou com as suas bellas imitações.

*. Continuum a ser muito concorridos os espectaculos do elegante **Circo Mejstrick**, na feira de Alcantara. Applausos e mais applausos.



Foi-nos completamente impossivel assistir ao concerto e á recita que no Pedrouços Club e na Academia Recreativa de Lisboa respectivamente se effectuaram no sabbado e domingo ultimos.

No primeiro fazia-se ouvir o quartetto *Mantua*, sob a direcção do conhecido professor sr. Alfredo Mantua, e na segunda representou-se a comedia em um acto intitulada *Comedia e tragedia* e a applaudida opperetta *Intrigas no bairro*.

Agradecemos a gentileza dos respectivos convites, de que, mau grado nosso, não nos pudemos utilizar.

Tauromachia

Praça do Campo Pequeno

12.^a corrida

Vestiu galas, no ultimo domingo, a praça do Campo Pequeno. Era a festa artistica do estimado e distincto cavalleiro Manuel Casimiro.

O entusiasmo que reinou toda a tarde foi extraordinario, as flôres appareceram em grande quantidade e a enchente foi colossal.

Uma festa brilhante, emfim, como todas as que annualmente promove o sympathico toureiro, que deixou o publico plenamente satisfeito, sendo no intervallo offerecidos a Manuel Casimiro um sem numero de objectos de subido valor e fino gosto, pelos seus mais intimos amigos e admiradores, que n'esta tarde se contavam na praça pelos assistentes.

Os touros, em geral muito bem tratados, pertenciam ao conceituado creador sr. Estevam de Oliveira, que enviou um curro que agradou aos aficionados. Apresentou alguns bichos bastante bravos, como o 1.^o, 6.^o e 8.^o, o primeiro principalmente, e exceptuando uns tres que sahiram ordinarios, os restantes cumpriram bem. O publico chamou o *ganadero* á arena, fazendo-lhe uma ovação.

Revertito e *Bienvenida* estiveram valentes e animaram por vezes a corrida. Com as bandarilhas tourearam juntos o 5.^o e o 7.^o, collocando varios pares a *quiebro* que valeram palmas; com a muleta e o capote, porém, estiveram menos afortunados, fartando-se de dançar e não conseguindo sujeitar nunca os touros.

Manuel Casimiro pouco pode fazer no 4.^o, a não ser mostrar como se procuram e se toureiam touros ordinarios ou que accodem com difficuldade ao cite; no 6.^o, que era um animal bravo e de muitas arrobos, o seu trabalho então foi magnifico, tanto com os ferros compridos, como com os curtos, em que não tem ainda quem o eguale. A ovação que ouviu foi grande, tanto durante a lide como no fim.

José Casimiro, como sempre, valentissimo. O seu trabalho, já no 1.^o como no 8.^o, foi de ordem a fazer o nome de um artista, a promover a reputação de um toureiro. O publico não se cançou de o applaudir e justamente.

Dos bandarilheiros, foi de Thomaz da Rocha o melhor par da tarde, um par superior a *quiebro* que lhe valeu uma prolongada ovação. Theodoro, uma boa sorte de gaiola no 2.^o, e mais um par bom no mesmo. Cadete, um bom par a sesgo, tambem no 2.^o. Saldanha, Torres Branco e Carlos Gonçalves não desmancharam o conjuncto, mas no emtanto estiveram menos afortunados, o que não admira, pois foi aos tres que tocaram os touros mais ordinarios da corrida.

Na *bréga*, Theodoro Gonçalves, elle e só elle, pois fez o trabalho por todos. E' incontestavelmente um artista de poderosas e excepcionaes facultades, e insubstituivel em qualquer arena, pois é unico n'este genero de trabalho.

C. A.

EXPEDIENTE

Aos vossos estimaveis assignantes em atrazo pedimos a especial fineza de mandarem reformar as suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na remessa.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Dellina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

Nestlé

Farinha Lactea

FABRICA NACIONAL
DE
Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**

DE
de DIAS TEIXEIRA & C.^o

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, couchés e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguiar & C.^o (F.^o)**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.^o**, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25. RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; gr.v., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.

Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em publicação); chorographia physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.

Vida e aventuras de Robinson Crusoe, Foë. Luxuosa edição completa e illustrada. 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tomo 250 réis.

Prospectos e specimens gratis. Empresa editora, rua da Boa Vista, 62, 2.^o, Lisboa, e nas principaes livrarias.